

Wallace e a origem do homem: suas concepções e as interpretações historiográficas

Juliana Mesquita Hidalgo Ferreira
Viviane Arruda do Carmo

Resumo: Este artigo mostra algumas opiniões do naturalista Alfred Russel Wallace sobre a origem do homem, desenvolvidas durante sua carreira. Discute o impacto gerado por suas considerações sobre o tema, entre 1869 e 1870, e a atitude da comunidade acadêmica em relação ao espiritualismo, desde que esse tópico controverso foi intrinsecamente relacionado às opiniões de Wallace. Esses pontos são relevantes para analisar criticamente alguns aspectos do trabalho historiográfico produzido por Malcolm Kottler.

Palavras-chave: Wallace, Alfred Russel; espiritualismo; evolução; origem do homem

Wallace and the origin of man: his views and historical interpretations

Abstract: This paper shows some views advanced by the naturalist Alfred Russel Wallace on the origins of man during his career. It discusses the impact generated by his remarks on the subject between 1869 and 1870, and the attitude of the academic community in relation to spiritualism, since this controversial topic was intrinsically related to Wallace's views. These points are relevant to critically analyze some aspects of the historiographical work produced by Malcolm Kottler.

Keywords: Wallace, Alfred Russel; spiritualism; evolution; origin of man

Wallace e a origem do homem: suas concepções e as interpretações historiográficas

Juliana Mesquita Hidalgo Ferreira*
Viviane Arruda do Carmo**

1 OBJETIVOS

Neste trabalho procuramos mostrar as várias manifestações do naturalista Alfred Russel Wallace acerca das origens do homem durante a sua carreira. Discutimos o impacto gerado pelas suas considerações sobre o assunto entre 1869 e 1870, e a atitude das pessoas do seu meio profissional em relação ao espiritualismo, visto que este tema polêmico estava intrinsecamente relacionado àquelas considerações. Essas questões são fundamentais para analisarmos criticamente alguns aspectos do trabalho historiográfico produzido por Malcolm Kottler.

2 AS CONCEPÇÕES DE WALLACE SOBRE A ORIGEM DO HOMEM

Alfred Russel Wallace (1823-1913) e Charles Darwin (1809-1882) chegaram independentemente ao princípio da seleção natural e comunicaram seus resultados à *Linnean Society* de Londres em 1858. Inicialmente, suas teorias da evolução eram bastante similares, segundo apontam alguns estudos (ver Carmo, 2006). No entanto, podemos dizer que durante o prosseguimento de suas carreiras as idéias apresentadas pelos dois naturalistas nem sempre foram convergentes. No que diz respeito especificamente aos

* Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Endereço para correspondência: Rua Dona Ana de Barros, 173. São Paulo, SP. CEP 02423-020. E-mail: juliana_hidalgo@yahoo.com

** Doutoranda da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Correspondência: Ruas Andes, 763. São Paulo, SP. CEP 08440-180. E-mail: arrudadocarmo@ig.com.br

limites da aplicabilidade da seleção natural ao homem, a questão não se resumiu a uma simples e normal diferença de idéias¹.

2.1 A origem do homem segundo Wallace, em 1864

Em 1858, quando apresentou o seu famoso ensaio “On the tendency of varieties to depart indefinitely from the original type”, descrevendo o que seria o princípio da seleção natural (sem utilizar esta expressão), Wallace não tratou especificamente do homem. O assunto veio à tona em 1864, quando ele apresentou, num encontro da *Anthropological Society of London*, o trabalho intitulado “The origin of human races and the antiquity of man deduced from the theory of ‘natural selection’”.



Figura 1. Alfred Russel Wallace, fotografado em 1862, aos 39 anos de idade.

¹ Uma comparação detalhada das concepções evolutivas de Darwin no *Origin of species* e de Wallace em *Darwinism* foi realizada por Viviane do Carmo, co-autora do presente trabalho. Ver bibliografia.

Para o naturalista, provavelmente no Mioceno, a natureza intelectual e moral da mente humana passou a proteger o corpo da seleção natural, pondo fim às suas mudanças estruturais. Diante de variações climáticas, enquanto os animais necessitavam de uma camada maior de gordura no corpo para sobreviverem, o homem se valia de roupas ou cobertas quentes. Alterações na disponibilidade de alimentos geravam mudanças nos dentes, garras e estruturas internas digestivas dos animais. No caso do homem, a manipulação do fogo tornava palatável um número maior de alimentos, enquanto a agricultura e a domesticação de animais tornavam-no cada vez menos sujeito a flutuações na disponibilidade de alimentos.

Segundo Wallace, a partir daquele momento, a seleção natural mudou seu foco de atuação do corpo para a natureza moral e intelectual. Ligeiras alterações mentais e morais que o capacitavam a reagir melhor às condições adversas e a se unir aos outros de sua espécie para conforto e proteção mútua deveriam ser preservadas e acumuladas.

É interessante notar que, neste trabalho de 1864, não havia referência a que mecanismo teria atuado no intelecto até levá-lo ao estágio de desenvolvimento em que passou a proteger o corpo da ação da seleção natural.

Ao se referir a essa questão, no artigo “Alfred Russel Wallace, the origin of man and spiritualism”, o historiador Malcolm Kottler comentou que Wallace, naquele trabalho, não havia se preocupado em analisar como o intelecto humano teria evoluído até atingir aquele determinado estado. Para Kottler, no entanto, como nas discussões que se seguiram à apresentação desse trabalho, Wallace teria afirmado que os animais também eram dotados de intelecto²; isso significava que ele procurava em ancestrais não-humanos a origem para o desenvolvimento moral e intelectual do ser humano através da seleção natural (Kottler, 1974, pp. 148-9)³.

Nesse caso, tomando-se por base a interpretação de Kottler, poder-se-ia dizer que, em 1864, Wallace considerava que a seleção natural explicava *todos* os aspectos do desenvolvimento físico, intelectual e moral do homem. Por outro lado, deve-se registrar que, alguns trechos do artigo de 1864, não

² A discussão que se seguiu à apresentação do trabalho foi transcrita para a versão publicada pelo *Journal da Anthropological Society of London*.

³ Sobre essa interpretação, no entanto, deve-se fazer uma ressalva. Anos depois, no livro *Darwinism*, Wallace registrou essa continuidade do intelecto, mas isso não impediu que ele, ao mesmo tempo, sustentasse a idéia de que nem todo o desenvolvimento intelectual e moral humano podia ser explicado pela seleção natural. Discutiremos isso mais adiante.

mencionados por Kottler, podem sugerir que o processo atuante no intelecto até aquele estágio não havia sido a seleção natural:

Segue, então, que aquelas peculiaridades notáveis e constantes que marcam as grandes divisões da humanidade não poderiam ter sido produzidas e se tornado permanentes depois que a ação deste poder [da seleção natural] **tornou-se transferido** das variações físicas para as mentais [...]. Mas enquanto essas mudanças estiveram ocorrendo, o seu desenvolvimento mental correspondentemente avançou, e atingiu aquela condição na qual começou a influenciar fortemente toda a sua existência, e **então se tornaria** sujeito à irresistível ação da “seleção natural”. (Wallace, 1864, p. clxvi; sem ênfases no original)

Deixando de lado a dificuldade de interpretar essa questão, pode-se dizer *ao menos* que, nesse trabalho, Wallace *não* se manifestou explicitamente de maneira desfavorável ao ponto de vista de que *todos* os aspectos do desenvolvimento físico, intelectual e moral do homem podiam ser explicados pela seleção natural. Não muito tempo depois, no entanto, passou a questionar abertamente a auto-suficiência da seleção natural para explicar a origem do homem.

2.2 Wallace sobre a origem do homem, 1869/1870

Ao publicar na *London Quarterly Review* um comentário crítico sobre reedições de trabalhos de Charles Lyell (*Principles of geology* e *Elements of geology*), em 1869, Wallace argumentou que a seleção natural era incapaz de explicar certos fatos em raças humanas pré-históricas e selvagens. A inutilidade de certas características observadas nesses indivíduos mostrava que a seleção natural era inadequada para explicá-las. Para ele, inteligências superiores guiavam com nobres propósitos o desenvolvimento humano.

Um ano depois, Wallace tratou essa questão de modo aprofundado ao publicar um conjunto de ensaios intitulado *Contributions to the theory of natural selection*. Ao traçar o objetivo do ensaio “The limits of natural selection as applied to man”, o naturalista afirmou:

Não considero que toda a natureza possa ser explicada com base nos princípios dos quais sou um defensor tão ardoroso; e agora eu mesmo vou levantar objeções e colocar limites ao poder da “seleção natural”. [...] podemos traçar a ação de alguma lei desconhecida, independente e além de todas aquelas leis das quais temos conhecimento. Podemos traçar esta ação mais ou menos distintamente em muitos fenômenos, dos quais os dois mais importantes são a origem da sensação e da consciência e o desenvolvimento do homem a partir dos animais inferiores. (Wallace, 1870, p. 333)



Figura 2. Alfred Russel Wallace, fotografado na década de 1870.

No ensaio, Wallace argumentou que algumas características que se desenvolveram no homem pré-histórico e nos selvagens seriam inúteis ou mesmo prejudiciais aos indivíduos nessas condições. Não poderiam, portanto, ter sido desenvolvidas pela seleção natural. A falta de pêlos levava o homem a recorrer a proteções contra o frio. Haveria grande discrepância entre as reais necessidades dos selvagens e homens pré-históricos e o potencial e tamanho dos seus cérebros. Também a forma peculiar de mãos e pés, capazes de realizar tarefas sofisticadas, e a presença de algumas faculdades mentais sem valor prático para esses indivíduos, seriam características inexplicáveis pela seleção natural em vista de sua inutilidade quando surgiram. Haveria qualidades latentes nos indivíduos selvagens, como habilidades musicais notáveis, que se revelavam quando estes eram expostos a circunstâncias favoráveis à sua manifestação.

Para Wallace, certas inteligências externas atuavam no desenvolvimento humano, analogamente ao modo como o homem agia na seleção artificial de plantas e animais, numa direção definida e com um propósito especial. Essas inteligências seriam responsáveis por antecipar necessidades futuras (Wallace, 1870, p. 359).

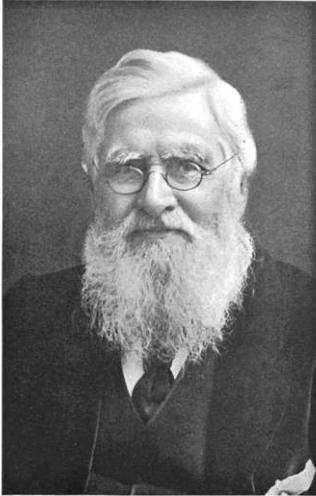
2.3 A origem do homem na obra *Darwinism* (1889)

No capítulo intitulado “Darwinism applied to man” da obra *Darwinism*, publicada inicialmente em 1889, Wallace voltou a se manifestar acerca da origem do homem.

Citando trechos da obra *Descent of man*, de Darwin, Wallace demonstrou estreita concordância com aspectos discutidos pelo naturalista a respeito da origem das características físicas humanas. Apresentou argumentos no sentido de mostrar a existência de uma identidade geral entre a estrutura humana e a animal, e sustentar que a origem animal do ser humano era mais do que uma mera probabilidade – era algo praticamente certo (Wallace, 1890, p. 446).

É interessante notar que Wallace nada comentou a respeito de ter mudado de idéia a respeito daquelas características físicas humanas que, em 1869, havia apontado como inexplicáveis pela seleção natural. Curiosamente, nada mencionou sobre alguma característica física humana não poder ser explicada daquela maneira, embora tenha se referido a assuntos como o cérebro ao comparar homens e macacos. Parecia ter voltado atrás e reafirmado sua confiança na seleção natural como explicação para todos os aspectos físicos do homem: “o homem, em sua estrutura corporal foi derivado dos animais inferiores, dos quais ele é o desenvolvimento culminante” (Wallace, 1890, p. 454)⁴.

⁴ Segundo Malcolm Kottler, Wallace nesse trabalho havia mantido a opinião de que a seleção natural *não* explicava o desenvolvimento do cérebro humano (Kottler, 1974, p. 161). Kottler se refere ao capítulo XV dessa obra, *de modo geral*, e não ao capítulo XV de uma edição específica dessa obra. Não comenta sobre uma possível mudança de opinião do naturalista entre reedições do mesmo trabalho. Em suas referências verificamos que Kottler cita ter consultado a edição de 1889. Não dispomos dessa edição da obra *Darwinism*, e, para o presente trabalho, consultamos a edição de 1890. Ao menos nessa edição, pelo que podemos notar, o naturalista não faz qualquer observação a respeito de o cérebro humano, no sentido físico, não poder ser explicado por esse mecanismo. Aliás, alguns trechos do capítulo XV da edição que usamos parecem sugerir justamente o contrário: “[...] o poder da seleção natural deixaria de agir na produção de modificações do seu corpo, mas iria continuamente *avançar* a sua mente através do desenvolvimento do seu órgão, o cérebro” (Wallace, 1890, p. 457); “Uma grande população espalhada por uma área extensa é também necessária para fornecer um número adequado de variações cerebrais para o progressivo melhoramento humano” (Wallace, 1890, p. 458). É possível que Wallace tenha mudado de opinião de um ano para outro, mas deve-se observar que, no prefácio dessa edição de 1890, ele não comenta sobre qualquer mudança de conteúdo desse tipo. É interessante notarmos que nas discussões que se seguiram à apresentação do seu primeiro trabalho sobre o assunto, ainda em 1864, Wallace afirmou que quando dizia “mente sempre incluía o cérebro”. Como o termo “mente” é usado com frequência no referido capítulo XV da obra *Darwinism* é possível que Kottler tenha entendido que Wallace também se referia ao cérebro no sentido físico.



Alfred Russel Wallace

Figura 3. Alfred Russel Wallace, na década de 1890 – época de publicação de seu livro *Darwinism*.

Ainda nessa obra, Wallace tratou da origem da natureza moral e intelectual do homem. Manteve a opinião de que a seleção natural não explicava o desenvolvimento intelectual e moral humano (Wallace, 1890, pp. 461-478).

O naturalista apresentou a hipótese de Darwin de que havia uma continuidade entre os animais e o homem no que dizia respeito à natureza moral e intelectual. Nos animais havia indícios de rudimentos intelectuais e morais. A posição intermediária entre homem e animais parecia ser ocupada pelos selvagens. Wallace apontou, no entanto, que a existência de continuidade não significava necessariamente que *todo* o desenvolvimento intelectual e moral a partir dos seres inferiores havia se dado pela seleção natural, isto é, *exclusivamente* pelo mesmo processo responsável pelo desenvolvimento físico.

Segundo Wallace, no caso do desenvolvimento das faculdades intelectuais e morais humanas uma nova causa havia agido. O naturalista ofereceu evidências de que a seleção natural era inadequada para explicar certas habilidades intelectuais humanas. Uma característica desenvolvida pela seleção natural teria como atributo estar mais ou menos presente em todos os indivíduos da mesma espécie, e de maneira razoavelmente uniforme. O mesmo não se poderia notar a respeito das qualidades intelectuais, que

variariam muito de indivíduo para indivíduo. Pouquíssimos seres humanos seriam, por exemplo, efetivamente dotados de talento para a matemática ou a música, e, esses indivíduos, se comparados à população normal, exibiriam essas qualidades de maneira extraordinariamente superior. Tais características peculiares dessas faculdades, segundo Wallace, mostravam que elas não eram produzidas pelo mecanismo de seleção natural, mas sim por alguma causa extra.

Wallace propôs, para explicar a natureza intelectual e moral do homem, a existência dentro dele de uma essência espiritual capaz de se desenvolver progressivamente. Como se nota na obra *Darwinism*, para ele, o propósito do mundo seria o desenvolvimento do espírito humano em associação com o corpo. Havia um mundo invisível, o mundo dos espíritos.

3 AS ATITUDES EM RELAÇÃO AO ESPIRITUALISMO E AOS COMENTÁRIOS DE WALLACE SOBRE O HOMEM ENTRE 1869 E 1870

Durante a década de 1860, Charles Darwin costumava elogiar os escritos de Wallace em suas correspondências. Darwin, entretanto, manifestou duras críticas às concepções sobre o homem apresentadas por Wallace entre 1869 e 1870:

Se você não me tivesse avisado, acharia que essas idéias teriam partido de outra pessoa. Como você já esperava, discordo profundamente de suas idéias, e lamento muito por isso. (Darwin para Wallace, 14/4/1869. Reproduzida em Marchant, 1916, vol. 1, pp. 242-3)

Mas lamento sobre o homem – você escreve como um naturalista que passou por uma metamorfose (na direção retrógrada). Justo você, o autor do melhor artigo que já apareceu na *Anthropological Review*! Ai! Ai! Ai! Seu pobre amigo. (Darwin para Wallace, 26/1/[1870]. Reproduzida em Marchant, 1916, vol. 1, p. 251)⁵

⁵ Em correspondências, os dois naturalistas costumavam, na época, discutir sobre a origem do homem. Em particular, debatiam acerca da possibilidade apontada por Wallace de que a seleção natural seria insuficiente para explicá-la. Em abril de 1869, por exemplo, Darwin comentou sobre o fato de diferirem tão drasticamente em relação ao homem, e afirmou que não considerava necessária uma causa adicional e imediata para explicar a sua origem (Carta 6706 – Darwin para Wallace, 14/4/1869. *The British Library*, Add 46434. *The Darwin Papers* 96: 71-2, *Manuscripts Room, Cambridge University Library*. Reproduzida em Marchant, 1916,

Os comentários de Darwin eram muito mais do que desencorajadores. Ele, aliás, não foi o único a reagir daquela maneira. Alguns autores, como o naturalista suíço Édouard Claparède (1832-1871), procuraram rebater de maneira enfática os argumentos apresentados por Wallace para sustentar a insuficiência da seleção natural como explicação para certos aspectos do homem⁶.

Essas críticas não foram consideradas infundadas e tiveram certa repercussão. Respondendo à indagação do botânico Joseph Hooker (1817-1911) sobre se mereciam ser traduzidas para o inglês, Darwin comentou que as considerava pertinentes e deveriam ser publicadas como resposta a Wallace⁷. Ainda na mesma correspondência, datada de julho de 1870, Darwin acrescentou que o naturalista Henry Bates (1825-1892) considerava que as “idéias heterodoxas de Wallace [sobre o homem] causavam danos à causa da evolução”. Bates era amigo pessoal de Wallace e havia participado com ele da expedição ao Amazonas.

Várias pessoas influentes reagiram de modo negativo a essas propostas de Wallace. As discussões, no entanto, não se restringiram ao âmbito da História Natural, nem se caracterizaram como um embate meramente acadêmico. Essas idéias geraram polêmica. Foram recebidas por alguns como motivo de deboche tendo em vista especialmente a ligação pessoal do cientista com o espiritualismo.

Havia alguns agravantes nesse caso. Na época, o fato de um pesquisador, como Wallace, se manifestar publicamente a favor da autenticidade dos fenômenos espiritualistas já era motivo de polêmica. Nota-se que, sob esse ponto de vista, ele procurava trazer os fenômenos espiritualistas para o domínio da ciência (ver Wallace, 1875, p. 205).

Ele, no entanto, não fez só isso. Sua proposta era ainda mais ousada. O naturalista endossou a explicação espiritualista para aqueles fenômenos,

Vol. 1, p. 242). Em resposta, Wallace sugeriu a existência de forças ainda desconhecidas na natureza (Carta 6703 – Wallace para Darwin, 18/4/[1869]. *The Darwin Papers* 106: B79–B80, *Manuscripts Room, Cambridge University Library*. Reproduzido em Marchant, 1916, vol. 1, p. 243).

⁶ Claparède publicou o seguinte trabalho: Remarques à propos de l'ouvrage de M. Alfred Russel Wallace sur la théorie de la sélection naturelle. *Archive des Sciences Physiques & Naturelles* 38 : 160–189, 1870, que ainda não pudemos examinar.

⁷ *Manuscripts Room, Cambridge University Library*: carta 7271 – Darwin para Hooker, [8/7/1870], *The Darwin Papers* 94: 177–8; carta 7267 – Hooker para Darwin, [5–7/7/1870], *The Darwin Papers* 103: 55–6.

inserindo-a também no domínio da ciência, e, mais ainda, usou-a como um fator complementar à seleção natural, para explicar a origem do homem do ponto de vista da História Natural. Propôs uma explicação que envolvia tanto o mecanismo de seleção natural quanto o que chamava de “hipótese espiritualista”⁸, parecendo dar às duas explicações o mesmo *status*. O espiritualismo, que atraía tanto adeptos quanto ferrenhos oponentes, considerado científico por alguns e uma mera superstição popular por outros, seria na realidade, segundo Wallace, um “notável suplemento para as doutrinas da ciência moderna” (Wallace, 1875, p. 109). Explicaria fenômenos que, para ele, a poderosa seleção natural era incapaz de explicar:

[...] esta doutrina tornará possível que expliquemos alguns daqueles fenômenos residuais que a seleção natural sozinha não irá explicar. [...] de maneira alguma é inconsistente com a aceitação total da grande doutrina da Evolução através da seleção natural, embora implique (como de fato muito dos seus principais adeptos admitem) no reconhecimento de que esta doutrina não é a toda poderosa, suficiente e única causa do desenvolvimento das formas orgânicas. (Wallace, 1875, pp. vii-viii)

Quando expôs essas idéias no livro *On miracles and modern spiritualism*, em 1875, Wallace, assim como vários outros renomados cientistas, já se interessava há algum tempo pelo espiritualismo e realizava investigações em sessões com médiuns⁹. Na época, costumava-se então relatar a ocorrência, na presença dessas pessoas, de eventos como a movimentação de objetos sem contato humano, a produção de sons variados, especialmente as batidas em mesas, e comunicações supostamente enviadas por espíritos. Esses fenômenos, conhecidos como espiritualistas, eram motivo de interesse para alguns do meio intelectual freqüentado por Wallace, como Francis Galton (1822-1911), e de aversão para outros, como Thomas Huxley (1825-1895).

⁸ Wallace alegava que a “hipótese espiritualista” deveria ser analisada como qualquer outra hipótese científica (Wallace, 1875, p. 104). Ele também se referiu ao espiritualismo usando a expressão “teoria espiritualista” ou “teoria espiritual” (Wallace, 1875, pp. 180-181 e 205).

⁹ O naturalista relatou ter presenciado pela primeira vez fenômenos espiritualistas em 1865, na casa de um amigo. Após esse episódio, passou a participar de sessões e realizar observações e testes sobre aquelas ocorrências (Wallace, 1875, pp. 125-6).

Cartas entre Galton e Darwin, por volta de 1872, demonstram que Galton havia participado de sessões espiritualistas organizadas pelo químico William Crookes e não supunha ser uma farsa o que havia presenciado¹⁰. Darwin, por sua vez, também havia participado de sessões mediúnicas. Embora admitisse não saber como explicar o que havia visto, teria achado tudo muito enfadonho, como descreveu em correspondência a Galton. Comentou: “Deus tenha pena de nós se acreditarmos em toda esta idiotice” (Darwin para Galton, 18/1/1874; reproduzida em Pearson, 1924, vol. 2, pp. 66-67). Darwin demonstrou várias vezes restrições ao espiritualismo. Ainda mais contundente nesse sentido parece ter sido a atitude de Huxley, que não via com bons olhos o convite de Wallace para juntar-se às investigações.

Vale à pena comentarmos a troca de correspondências entre Huxley e Wallace, tendo em vista demonstrarmos o quanto Wallace receava ser mal interpretado e como o assunto era visto de modo negativo por algumas pessoas importantes naquele meio profissional. Em novembro de 1866, evidenciando explicitamente o receio de que Huxley ficasse chocado e o considerasse louco, Wallace o convidou para que presenciasse aqueles estranhos fenômenos. O convite deixava transparecer a preocupação em frisar que uma possível aceitação não o comprometeria publicamente: as investigações eram informais, e a expressão “somente entre amigos” era frisada. Além disso, pode-se notar que Wallace insistia em ressaltar que seu interesse era esclarecer a questão, e não simplesmente confirmar os fenômenos. Quem pudesse mostrar onde e como eles estavam sendo enganados seria bem vindo. Nota-se, assim, que a atitude de Wallace era defensiva. Demonstrava receio de ser mal interpretado e, com muito cuidado, procurava sensibilizar seus colegas de profissão para que se interessassem pelo assunto (carta de Wallace para Huxley, 22/11/1866; reproduzida em Marchant, 1916, vol. 2, p. 187).

No caso de Huxley nada disso teria surtido efeito. Este respondeu negativamente ao convite de Wallace. Não tinha tempo para coisas que não eram do seu interesse. Em alusão ao conteúdo trivial das mensagens supostamente enviadas por espíritos durante as sessões dizia que nunca havia se interessado por fofoca, e que mesmo a fofoca de desencarnados não lhe interessava. A resposta de Huxley era ríspida e um tanto quanto ofensiva,

¹⁰ Carta 8256 – Galton para Darwin, 28/3/1872, *The Darwin Papers* 105: A46–9, *Manuscripts Room, Cambridge University Library*; reproduzida em Pearson, 1924, vol. 2, p. 62.

pois parecia sugerir que Wallace se interessava por frivolidades. Este, apesar de manter o tom polido, respondeu com uma “alfinetada”. Também não se interessava por fofocas, mas sim pela exibição de força e inteligência em situações nas quais essas duas coisas pareciam impossíveis (carta de Huxley para Wallace, 7/11/1866; Wallace para Huxley, 1/12/1866; reproduzida em Marchant, 1916, vol. 2, pp. 187-8). Por esses comentários vê-se o quanto o assunto exaltava os ânimos dos envolvidos.

Durante sua carreira, Wallace manifestou explicitamente ser um espiritualista convicto. Pode-se notar, no entanto, que admitir essa convicção pessoal não foi algo tão simples. A questão exigiu uma postura muitas vezes defensiva.

Coletou evidências empíricas tanto para mostrar que a seleção natural não explicava algumas características humanas quanto para sustentar a autenticidade dos fenômenos observados nas sessões espiritualistas. No prefácio do seu livro *On miracles and modern spiritualism* (1874), salientou como o seu ceticismo e materialismo foram, pouco a pouco, derrubados por fatos não explicados pela ciência, mas de cuja realidade tinha plena convicção. Naquela obra, apresentou suas evidências pessoais a favor da autenticidade de fenômenos.

Na mesma ocasião, Wallace destacou como evidências irrefutáveis a favor da existência de fenômenos espiritualistas e do espiritualismo os resultados obtidos independentemente pelos cientistas William Crookes e Robert Hare. Enfatizou ainda que, do ceticismo à aceitação, os dois haviam seguido também o mesmo caminho que ele havia empreendido, tendo em vista a força das evidências obtidas.

É interessante notarmos, assim, que Wallace visivelmente adotou uma postura de auto-preservação e procurou se apoiar nas investigações realizadas por esses cientistas. Pode-se dizer que citar aquelas investigações tinha uma dupla função. Wallace expunha evidências a favor da existência de fenômenos espiritualistas obtidas por outras pessoas consideradas capacitadas. Ao mesmo tempo, ao comentar que após investigarem o assunto haviam mudado de idéia, parecia reforçar o valor das evidências e deixava implícito que isto aconteceria com qualquer outro cientista disposto a investigá-los¹¹.

¹¹ Deve-se ressaltar, no entanto, que a atitude de Crookes em relação ao espiritualismo era bem diferente da manifestada por Wallace e Hare. As afirmações públicas de Crookes sobre o assunto giravam apenas em torno da autenticidade dos

O naturalista inglês demonstrou preocupação em justificar publicamente por que havia aceito como genuínos os fenômenos espiritualistas e, mais do que isso, por que havia aderido à explicação espiritualista para esses fenômenos.

Como indiquei anteriormente, tendo sido levado a acreditar por uma estrita indução baseada em fatos – primeiramente, na existência de inteligências pré-humanas de vários graus; em segundo lugar, que essas inteligências, embora usualmente invisíveis e intangíveis para nós, podem agir e realmente agem na matéria e influenciam nossas mentes, – estou certamente seguindo um curso estritamente lógico e científico ao perceber como esta doutrina tornará possível que expliquemos alguns daqueles fenômenos residuais que a seleção natural sozinha não irá explicar. (Wallace, 1875, pp. vii-viii)

O discurso de Wallace frisava ainda que suas suspeitas a respeito da suficiência da seleção natural como explicação para o homem *não* haviam sido motivadas pela sua aceitação do espiritualismo. O naturalista também procurou deixar claro que espiritualismo e seleção natural *não* eram incompatíveis e que continuava aceitando aquele mecanismo evolutivo.

Como ilustra a citação anterior, Wallace, ao se referir *publicamente* às suas concepções evolutivas em relação ao homem, afirmou que *primeiramente* teria ficado insatisfeito com a capacidade da seleção natural para explicar certas características em raças humanas pré-históricas e selvagens. Segundo o naturalista, só *depois* de plenamente convicto da realidade dos fenômenos espiritualistas e da aceitação lenta e gradual da interpretação espiritualista desses fatos, teria reconhecido nessa doutrina a resposta para aqueles fenômenos residuais que a seleção natural não conseguia explicar. O espiritualismo viria então como solução de um problema anterior, não como causa para as suas suspeitas.

A aceitação do espiritualismo, portanto, *não* o teria motivado a discutir a eficácia da seleção natural. No prefácio do livro *On miracles and modern spiritualism*, Wallace, rebateu essa hipótese, segundo ele, sugerida por Anton Dohrn, em 1871. Todavia, ao fazê-lo, deixou transparecer que aquela não era uma suspeita isolada, mas sim comum a muitos cientistas na época.

fenômenos. O químico não se manifestava publicamente de modo favorável à interpretação espiritualista para aquelas ocorrências (ver Ferreira, 2004). Wallace, apesar disso, não parece ter feito qualquer esforço no sentido de deixar isso claro quando citou Crookes.

4 O TRABALHO HISTORIOGRÁFICO DE MALCOLM KOTTLER

Alguns trabalhos historiográficos questionam a veracidade dessas declarações públicas do naturalista. Malcolm Kottler, por exemplo, considera que, ao contrário do que Wallace afirmava, a explicação para as primeiras dúvidas do naturalista a respeito da seleção natural aplicada ao homem estaria mesmo em suas crenças espiritualistas (Kottler, 1974, pp. 162-3).

Kottler argumenta que o fato de essas primeiras dúvidas terem aparecido entre 1864 e 1889 indica que algo ocorrido neste período teria levado Wallace a mudar de opinião. Como justamente nesta época o naturalista teria começado a freqüentar suas primeiras sessões mediúnicas, os fatores cruciais que explicariam seus questionamentos a respeito da suficiência da seleção natural seriam a sua conversão ao espiritualismo e a percepção de que esta crença era incompatível com a sua antiga hipótese sobre o desenvolvimento do homem.

Ainda segundo Malcolm Kottler, Wallace não teria admitido isso publicamente, tendo em vista a reação negativa de seus colegas em relação ao espiritualismo e as recusas aos seus convites insistentes para participarem de sessões espiritualistas.

Embora não o tivesse admitido publicamente, segundo Kottler, Wallace teria confessado numa carta a Darwin seu real motivo para mudar de idéia a respeito da origem do homem. A carta, datada de 18 de abril de 1869, foi escrita pouco tempo após Wallace ter publicado suas novas idéias sobre o homem, e se refere a vários assuntos, entre os quais a indignação de Darwin perante aquelas suas especulações. Assim, Kottler a cita:

Minhas opiniões sobre o assunto foram modificadas somente pela consideração de uma série de fenômenos notáveis, físicos e mentais, que tive agora toda a oportunidade de testar, e que demonstram a existência de forças e influências ainda não reconhecidas pela ciência. Eu sei que isto irá lhe parecer alguma alucinação mental, mas posso lhe assegurar, devido a ter me comunicado pessoalmente com eles, que Robert Chambers, Dr. Norris de Birmingham, o conhecido fisiologista, e C. F. Varley, o renomado especialista em eletricidade, investigaram o assunto por anos e concordam comigo tanto em relação aos fatos quanto em relação às principais inferências que podem ser feitas a partir deles. Espero que você suspenda seu julgamento por um tempo até que nós exibamos alguns sintomas corroborativos de insanidade. (Kottler, 1974, p. 164; ênfase nossa)

De acordo com a interpretação proposta por esse autor para esta carta, Wallace admitia que suas opiniões sobre *o assunto* (que Kottler interpreta como sendo “a seleção natural ser suficiente para explicar a origem do homem”) haviam sido alteradas em função das evidências obtidas por ele em sessões espiritualistas. Wallace teria mudado de idéia a respeito da auto-suficiência da seleção natural devido à sua aceitação do espiritualismo, mas não havia admitido isso publicamente. Isto é, nesse caso, ele não teria admitido às outras pessoas, à exceção de Darwin, que o espiritualismo havia sido *causa* para que refletisse sobre o assunto “a suficiência da seleção natural para explicar o homem” e chegasse àquelas dúvidas.

Deve-se notar, no entanto, que Wallace, como já mencionamos, manifestou *explicitamente* que o espiritualismo era a *solução* para aqueles problemas, isto é, para fenômenos residuais inexplicáveis pela seleção natural. Wallace considerava que inteligências superiores guiavam o desenvolvimento humano. Mais do que isso, sustentava essa hipótese mesmo diante de uma avalanche de críticas de seus colegas de profissão, inclusive dando a ela *status* de hipótese científica e se queixando de quem não a tratava como tal. Sendo assim, devemos nos perguntar por que igualmente não atribuiria ao espiritualismo sua mudança de opinião, caso isso fosse verdade.

Se adotamos a interpretação proposta por Kottler, parece inexplicável que Wallace tenha creditado publicamente um papel tão significativo ao espiritualismo em suas idéias sobre a origem do homem. Caso ele realmente tivesse agido como Kottler descreve, ocultando o papel do espiritualismo como motivador de sua mudança de atitude, fica difícil explicar por que ele abertamente se manifestou como espiritualista e descreveu o espiritualismo como um mecanismo complementar à seleção natural. Nesse sentido, podemos questionar por que o naturalista teria preferido recorrer a argumentos relacionados à inutilidade de certas características e habilidades humanas no momento do seu aparecimento, se ele explicitamente situou o espiritualismo no mesmo patamar de qualquer outra explicação científica.

Caso a interpretação de Kottler correspondesse ao que, de fato, teria ocorrido, deveríamos esperar que outras coisas fossem ocultadas, e isso não ocorreu. Wallace parece ter ficado desapontado com a falta de interesse dos seus companheiros de profissão pelo espiritualismo. Adotou uma atitude defensiva ao convidá-los para as sessões, e empenhou-se em justificar por que havia aceito os fenômenos espiritualistas e o espiritualismo como genuínos. Por outro lado, ele não parece ter recuado em suas pro-

postas, nem apresentado apenas parte do que acreditava ser verdade.

Podemos ainda nos perguntar se a proposta de Kottler seria a única interpretação possível para aquela carta, e se não haveria outras possibilidades de interpretá-la. A carta a Darwin inicialmente trata de vários assuntos, e em seguida, se refere às idéias de Wallace sobre o homem então recentemente publicadas. Há algumas linhas que antecedem o trecho transcrito por Kottler para o seu artigo:

Posso quase compreender seus sentimentos em relação às minhas opiniões “não-científicas” sobre o homem, porque alguns anos atrás eu também as teria igualmente visto como selvagens e injustificáveis. Terei extremo interesse pelo que você está escrevendo sobre o homem, e darei pleno valor a qualquer explicação que possa dar sobre a sua origem. Minhas opiniões sobre **o assunto** [...] (Carta de Wallace a Darwin, 18 de abril de 1869, reproduzida em Marchant, 1916, vol. 1, p. 243-244; ênfase nossa)

Como mencionamos, Kottler interpretou “o assunto” ao qual Wallace se referia como sendo a “suficiência da seleção natural para explicar a origem do homem”. Por outro lado, não se deve descartar a possibilidade de interpretarmos que “o assunto” em questão era “a origem do homem” em si. Wallace poderia já ter dúvidas a respeito da suficiência da seleção natural para explicá-la, quando, finalmente, pôde solucioná-las tendo em vista as evidências obtidas por ele nas sessões espiritualistas. A mudança de opinião, nesse caso, seria no sentido de, num primeiro momento, não saber como explicar certos fenômenos residuais e, em seguida, passar a saber como explicá-los. Não tinha mais dúvidas a respeito. Havia encontrado no espiritualismo a resposta. Essa seria a mudança, nesse caso.

Ainda a respeito da atitude de Wallace, Malcolm Kottler citou para reforçar sua interpretação uma outra correspondência escrita pelo naturalista cerca de vinte anos após a primeira. Wallace pediu ao amigo e evolucionista Edward Poulton que revisasse seu capítulo sobre o homem a ser então publicado no livro *Darwinism*. A correspondência enviada por Wallace em agradecimento foi incluída por Poulton no obituário do naturalista.

Não irei perturbá-lo com a última página, que iria horrorizá-lo ainda mais. Sei que minhas idéias sobre o homem serão – como têm sido – criticadas. [...] *sei* que existem inteligências não-humanas – que há *mentes* desconectadas de um cérebro físico – que há, então, *um mundo espiritual*. Esta não é, para mim, uma mera *crença*, mas *conhecimento* fundamentado em continuada observação de fatos por um longo tempo – e tal conhecimento deve modi-

ficar minhas idéias a respeito da origem e da faculdade da natureza humana. (Kottler, 1974, p. 174)

Kottler citou essa carta como uma segunda ocasião em que o naturalista revelava ter mudado de idéia acerca *da suficiência da seleção natural para explicar o homem* por causa do espiritualismo. Mais uma vez, no entanto, parece admissível a hipótese de que Wallace poderia estar se referindo a ter encontrado no espiritualismo uma resposta para seus questionamentos, e nesse sentido teria uma nova opinião sobre a origem do homem. Ainda a respeito dessa carta, é relevante notar que Wallace se manifestava ciente de que seria criticado pelas idéias sobre o homem e, ao mesmo tempo, demonstrava que não se importava com isso. Mais uma vez podemos nos perguntar, portanto, por que então ele estaria mentindo em suas declarações públicas sobre a causa de suas dúvidas como Kottler propôs.

Ainda a respeito da primeira carta transcrita por Kottler, existe, ainda, a possibilidade de que Wallace estivesse se referindo ao próprio “espiritualismo” ao usar a expressão “o assunto”. Os comentários de Wallace de que havia mudado de idéia a respeito de um assunto tendo em vista o que havia observado recentemente em sessões são exatamente os que podem ser notados no livro *On miracles and modern spiritualism*. Wallace em princípio via os fenômenos e o próprio espiritualismo com muita desconfiança e ressalvas, e somente havia mudado de opinião sobre o assunto após suas investigações. A partir do que havia visto, julgava inclusive ter encontrado no espiritualismo uma explicação complementar à seleção natural no caso do homem. Sendo assim, seria normal que naquele contexto em que trata sobre a origem do homem, Wallace procurasse fundamentar a Darwin por que teria aceito o espiritualismo.

5 COMENTÁRIOS FINAIS

Malcolm Kottler procurou explicar o que seria uma mudança de atitude de Wallace depois da publicação de suas primeiras idéias sobre o homem em 1864, e questionou a veracidade de algumas declarações públicas do naturalista.

No que tange às considerações realizadas na seção anterior, deve-se ressaltar, no entanto, que não se trata de dizermos que a interpretação proposta Kottler está incorreta. Trata-se sim de sugerirmos que alguns pontos advindos dessa interpretação merecem maior reflexão, e que, além disso, outras possibilidades de interpretação não foram levadas em conta pelo autor.

AGRADECIMENTOS

As autoras agradecem à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e à Secretaria de Educação do Estado de São Paulo pelo apoio recebido, que possibilitou a realização desta pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARMO, Viviane Arruda do. *Concepções evolutivas de Charles Darwin no Origin of Species e de Alfred Russel Wallace em Darwinism: um estudo comparativo*. São Paulo, 2006. Dissertação (Mestrado em História da Ciência) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Ciência, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- FERREIRA, Juliana Mesquita Hidalgo. *Estudando o invisível: William Crookes e a nova força*. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2004.
- KOTTLER, Malcolm Jay. Alfred Russel Wallace, the origin of man and spiritualism. *Isis* **65** (2): 144-192, 1974.
- MARCHANT, James. *Alfred Russel Wallace: letters and reminiscences*. London:: Cassell, 1916. 2 vols.
- PEARSON, Karl (ed.). *The life, letters and labours of Francis Galton*. Cambridge: Cambridge University Press, 1924.
- WALLACE, Alfred Russel. On the tendency of varieties to depart indefinitely from the original type. *Proceedings of the Linnean Society of London* **3**: 53-62, 1858.
- . The origin of human races and the antiquity of man deduced from the theory of ‘natural selection’. *Journal of the Anthropological Society of London* **2**: clviii-clxxxvii, 1864.
- . *Contributions to the theory of natural selection. A series of essays*. New York: Macmillan and Co., 1870.
- . *On miracles and modern spiritualism* [1875]. New York: Arno Press, 1975.
- . *Darwinism. An exposition of the theory of natural selection with some of its applications*. 2. ed. London: Macmillan and Co., 1890.